

# **BIOGRAFIA COMO GÊNERO: O SALTO LITERÁRIO**

## **A contribuição de Ruy Castro**

Sylvia Helena Cyntrão\*  
Universidade de Brasília

A primeira notícia que se teve do Brasil, como sabemos, foi por meio da famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, nos idos de 1500. Não se limitou o escrivão da esquadra de Cabral a descrever a terra recém-descoberta com isenção burocrata. Seu relato é deslumbrado e deslumbrante. A tradição literária - podemos chamá-la assim - que une fatos históricos/descrição/comentários críticos e / ou poéticos estava há quinhentos anos lançada. Os teóricos, posteriormente, chamariam esse tipo de relato de "literatura de informação". Crônica seria, hoje, o nome mais adequado.

A questão sempre levantada nos meios acadêmicos é que, se é "literatura", prescinde da verdade factual, embora dela beba como fonte. Precisa tão-somente da famosa "verossimilhança, o "assim é se lhe parece"...lembrando o famoso dramaturgo. "Informação", referência, é para a pena dos jornalistas - stricto sensu. O que dizer, então, dos textos híbridos dos canônicos Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto, João do Rio, Cruz e Souza... que emprestaram sua verve às denúncias sociais e à defesa da nação autônoma, nos jornais de sua época?

Não compartilho da opinião de que os escritores se maculam nas redações. E que os jornalistas não podem ocupar lugar como grandes artistas da palavra. É belo ver hoje a relevante produção editorial nesse trânsito de mão dupla. Afinal, estamos falando, em verdade, de profissionais da comunicação - agora em lato sensu. Temos alguns exemplos poderosos de grandes escritores que atuaram como cronistas em jornal: Drummond, visionário em 1966, avalizando o gênio de Chico Buarque; Affonso Romano, na resistência à ditadura através da poesia...Sem falar na delicadeza irônica e transcendental de Rubem Braga. Vice-versa, como não ressaltar - para ser bem óbvia - as críticas e as reportagens de Ziraldo e Ruy Castro no saudoso periódico Pasquim da resistência à ditadura dos anos de 1970?

A intenção, aqui, não é elencar todos os nomes que, por meio de seu talento, foram e são formadores sérios e responsáveis da opinião pública. Alguns livros que formam o que hoje se denomina jornalismo literário merecem destaque sob diversos pontos de vista (históricos, sociais, morais, estéticos), como o de Zuenir Ventura, sobre Chico Mendes; Fernando Morais, sobre Olga; João Máximo, sobre Noel Rosa; Carlos Didier - este bem recente - sobre o compositor (e jornalista)

\* Profª adjunta

Orestes Barbosa. Panoramas históricos de tempos e espaços são detalhados, e perfis humanos são traçados, possibilitando ao leitor um conhecimento ampliado sob a luz prismática do conjunto desses pontos de vista que - a rigor - somente o jornalismo literário é capaz de oferecer.

A obra do autor-biógrafo Ruy Castro, que escolhemos aqui destacar, apresenta-se justamente - além da monumental contribuição informativo-referencial - pelo ponto de vista do literário. É preciso ressaltar a contribuição que esse jornalista - que transita também pelo ofício literário, para a sorte da literatura ficcional - vem dando, há algum tempo, à construção de uma memória nacional crítica, pelo resgate biográfico de personalidades representativas da nossa cultura.

Os escritores e intelectuais brasileiros vêm, há séculos, tentando, seja pela ficção, pela poesia, pela crônica, configurar uma idéia dessa nação que nasceu colonizada, que construiu de forma distorcida sua identidade, que teve vergonha da miscigenação, que bebeu da civilização européia e importou a realidade cultural de países como Portugal, França, Inglaterra, Espanha - e o que mais queiram - como máscara suavizante para a realidade perversa duramente estabelecida entre os trópicos pelos seus dominadores .

Entre pessimistas e ufanistas, Ruy Castro configura-se como um intelectual de lastro que se impôs pela relevância das escolhas temáticas de seus principais livros, desalojando-se do confortável lugar de fala tradicional - o do jornalista "isento", de estilo objetivo - e registrando no amálgama sígnico de seus textos o hibridismo de uma realidade psicossocial de sentidos constantemente deslizantes. *Carmen - uma biografia*<sup>1</sup>

é o mais novo expoente de sua criação, apresentada por uma escritura delicada, imagisticamente elaborada e tematizada a partir de um estilo que remete ao tempo que retrata. As deliciosas expressões da frase-comentário do autor "Deu uma rabanada na saia e, toda pimpona e digna, saiu marchando do estúdio." (p.120) à resposta da cantora a um americano no estúdio onde gravava ( "Eu sou brasileira, ele é brasileiro, e o senhor tem que nos respeitar") é exemplo suficiente para o momento.

No tempo em que a análise estruturalista patrulhava minhas aulas de graduação, seria impensável eleger uma biografia para estudo, quanto mais falar do seu caráter literário. Mas os tempos mudaram e a exclusão teórica com que nunca me acostumei pôde ser progressivamente substituída por uma prática mais legítima, que tem para com as formas simbólicas uma atitude que privilegia a leitura transversal. Se o escritor é antena e prisma de um patrimônio cultural coletivo, o discurso que produz será sempre a dialética das práxis sociais, na confluência de suas inspirações subjetivas. Assim é que o textual é a um só tempo o contextual, o intertextual e o que está além dele - a sua possibilidade de ressonância - o que chamamos de transtextual<sup>2</sup>. Por sua natureza sistêmica, o texto literário, como objeto de comunicação, é uma rede interconectada e sua vida pressupõe relações externas.

Umberto Eco<sup>3</sup> apresenta uma interessante tríade analítica possível para a investigação de uma obra. Diz que o texto literário, como produto, é sempre um conjunto de três intenções: a intenção do autor (intentione auctoris), a intenção do próprio

2 Mais sobre essas teorias em Cyntrão, Sylvia. **Como ler o texto poético**. Brasília, Editora Plano, 2004, p.14.

3 Os limites da interpretação. São Paulo, Perspectiva, 1995.

texto e a intenção do leitor (*intentio lectoris*). Lembremos, também, a Escola de Kontanz e a estética da recepção que dá voz ao sujeito-leitor; os dialogismos bakhtinianos; as metodologias de Roger Bastide e Gilbert Durand; Adorno e a indústria cultural. Antônio Cândido e seus preciosos conceitos sobre uma leitura e literatura empenhadas, bem como os pensadores da pós-modernidade, Eagleton, Gumbrecht ou Bhabha, todos apresentam os vínculos indissociáveis entre arte e sociedade. Se não há texto "puro", portanto, no sentido fundamentalista, se toda palavra é ideológica, vamos então acolher um gênero que, como a metaficção historiográfica<sup>4</sup>, também tem seu ponto de partida na História e está escrevendo a contemporânea literatura brasileira. Um gênero que incorpora fatos datados, o rigor jornalístico que investiga sua veracidade e a construção de um enredo especializado com todos os elementos histórico-narrativos, como personagens, tempo e espaço, integrados.

O biógrafo é um demiurgo - ele conhece mais da vida de seu personagem que aqueles que com este conviveu<sup>5</sup>; para esse autor-pesquisador convergem as informações, sob múltiplos pontos de vista, tornando-se, conseqüentemente, a voz transformadora que os integra por meio de sua própria condição sociohistórica. Nos livros de Ruy Castro, o biógrafo é um porta-voz que identifica, expõe e reflete, ao fim e ao cabo, sobre a condição humana. Pela via do discurso esteticamente constituído, o autor-narrador reveste-se de uma

4 De Ruy Castro, a novela *Bilac vê Estrelas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

5 "Chega o momento em que o biógrafo conhece mais o personagem do que todos os núcleos a que ele pertence, inclusive a família", diz Ruy em uma entrevista de 12/09/2002, em <http://www.facasper.com.br/facasper/jornalismo/noticia>

condição que não pode prescindir do "outro" que o precedeu, do que o ladeia e daquele que o observa de frente- o sujeito-leitor.

Com uma estrutura que se desenvolve cronologicamente, em 550 páginas de texto (fora a discografia e o completíssimo índice onomástico), de 1909, ano do nascimento da cantora e estrela de cinema, a 1955, ano de sua trágica morte, a biografia de Carmen Miranda - "a brasileira mais famosa do século XX" (subtítulo), mas que viveu a maior parte de sua vida artística nos Estados Unidos, apresenta-se a partir de alguns vetores-chave complementares para a narrativa, mas claramente conflituosos na personalidade biografada. São eles o subjetivo e o coletivo, o público e o privado, a mulher profissional e a mulher amante. "Ao mesmo tempo que parecia frágil em sua vida amorosa e pessoal, Carmen estava fazendo uma revolução na música brasileira, tornando-a adulta, urbana, maliciosa, estimulando compositores a explorar esses caminhos", comenta o autor (p. 91). A solidez complementar dessa estrutura dicotômica da obra (re)compõe para o leitor um Brasil de interfaces -faces belas e fortes, outras nem tanto.

O narrador desconstrói os mitos<sup>6</sup>. Ressignifica-os. E faz circular todo o tempo da narrativa não apenas um mito, mas todo um imaginário de muitos rostos que habitou a cabeça e os corações de nossos avós e bisavós. Um imaginário que se construiu tanto com os políticos da primeira república e da ditadura Vargas,

6 Uso a palavra segundo o conceito do filósofo Gilbert Durand que tem mito como uma representação simbólica convergente da expressão de pensamentos, sentimentos, culturas e visão de mundo. O mito é sempre projeção e necessidade do imaginário coletivo.

quanto com os artistas na Semana de Arte Moderna ou com os imigrantes desvalidos no Rio de Janeiro, como os pais de Carmen, no início do século XX. Nesse trânsito, Ruy é um humanista, um apaixonado pelo humano do "ser". É isso, então, que ele tece com a delicadeza do melhor ficcionista e com a precisão do melhor jornalista: a humana Carmen. Com ela, a dor cósmica, o desconcerto do mundo de que já falava seu conterrâneo Camões...e o sofrimento contido do desencanto amoroso que habita o coração daqueles que nascem com a alma aberta para as experiências que buscam.

Nossas pesquisas acadêmicas de gênero perguntaram: qual a importância dessa mulher que se (tra)vestia do estereótipo tropical fora de sua pátria, mas que pôde dar voz, como intérprete carismática que era, a uma geração inteira de artistas populares? Situa Ruy: "Em fins de 1931, uma fabulosa geração de compositores e letristas brasileiros, que vinha se formando havia dois anos, já estava pronta(...)" . Cita uma incrível lista em que aparecem Ary Barroso, Noel Rosa, Almirante, Ismael Silva, Custódio Mesquita, Orestes Barbosa, Assis Valente, Wilson Batista entre muitos outros - hoje de saudosa memória, reconhecidos e famosos. A nossa cantora vestiu-se de um Brasil-cartão postal e encantou a indústria cinematográfica em Hollywood. As bananas e balangadãs - já mitificados - talvez merecessem para alguns uma crítica ideológica. Acho que as conclusões seriam óbvias, inúteis e parciais. Alguns críticos falam do exemplo de Chico Science - o compositor do mangue recifense, ou de Seu Jorge, ex-morador de rua, ambos (bem mais) politizados e por isso divulgadores mais dignos (?) da cultura nacional.

Em que pese minha admiração pela performance de atitude de nossos contemporâneos, já que na Universidade de Brasília, inclusive, oriento dissertação que trata do tema<sup>7</sup>, é preciso lembrar que nossa biografada desbravou um espaço vazio que ocupou intuitiva e generosamente, expondo sua arte com alma e coragem, de forma absolutamente independente, ainda no início do século XX, apesar do peso dos preconceitos e maledicências. Inevitável aqui remeter à oportuníssima reflexão do escritor na passagem em que comenta a reação de Carmen quando a criticavam maldosamente sobre o acaso (relatado no ótimo Prólogo, p. 9-10) de sua cidadania lusa . "Para Carmen, aquilo era uma perseguição. Na Argentina ninguém queria saber se Carlos Gardel era francês, uruguaio ou argentino(...). Gardel era francês, claro,...) mas também era o maior cantor argentino de todos os tempos, o tango encarnado, e ninguém em Buenos Aires se achava mais portenho que ele." (p.122).

Esse Ruy jornalista não nos deixa esquecer... e encaminha a história compondo, a partir de fatos documentados, um panorama dos valores que definiam as relações interpessoais, amorosas e/ou profissionais de uma época. O escritor situa Carmen e a justifica . "O que Carmen praticava todos os dias era a generosidade"(p.108). "Em dez anos gravara 281 músicas, recorde absoluto entre as cantoras brasileiras. Fizera dupla com os maiores cartazes de sua geração - nenhum maior que ela (...). Todos os grandes compositores brasileiros tinham passado pela sua voz e ela fora responsável pela consagração de pelo menos três: Assis Valente, Synval Silva e Dorival Caymmi (p. 196). Sim, o

7 "Corpo de Lama", da pesquisadora e jornalista Yara Dias Fortuna, com defesa prevista para agosto de 2006.

Dorival de "O que é que a baiana tem"! Assim, o jornalista-escritor segura sua personagem pela mão; a conduz de casa para o trabalho, para as rádios, acompanha suas viagens, suas festas, seu conturbado casamento, seus romances, suas relações familiares, sua dedicação aos muitos amigos (entre eles, Vinícius de Moraes, cônsul em Los Angeles à época de Carmen nos EUA...), sua tempera, sua obstinação, suas fragilidades.

Como narrador, é onisciente. Narrador e mito ficam tão próximos que o leitor é levado por vezes a mergulhar com Carmen, como se fosse Carmen. Por outro lado, a narrativa estruturada em contraponto cria o distanciamento que não permite ao leitor esquecer que aquela não é uma personagem de ficção. Que aquela vida e aquela morte (ironicamente) são patrimônios da arte nacional e da cultura popular. Nada do que é relatado pela verve do biógrafo foi ficção, embora pareça estarmos frente a um enredo de best-seller, onde os principais ingredientes - amor, sexo, política, boêmia, arte, indústria cultural, drogas e morte - são esteticamente tematizados e pour cause resultam em uma mistura explosiva e pungente. É justamente aí - assim como em O anjo pornográfico, sobre a vida do dramaturgo Nelson Rodrigues - que Ruy dá o salto literário do gênero. O escritor edita a trajetória da artista, sem trair os fatos, mas selecionando-os e combinando-os com maestria.

Se em muitos a paixão é capaz de obscurecer a razão e os propósitos, nesse caso aconteceu o inverso: embora claramente apaixonado pelo mito que desvela (e de certa forma protege), a admiração legitimada pelos fatos transcende uma possível cegueira e Ruy Castro mostra-se clarividente. Seu texto é um primor de concisão vocabular, e apresenta - a partir de imagens precisas - uma densidade

indiscutível em nível semântico. Tal densidade oferece-nos a percepção inevitável da gravidade do conteúdo da narrativa, embora embalada ao som de tantas canções carnavalescas. No último parágrafo do Epílogo (p.550), a descrição do cortejo do corpo da estrela é feita em tom maior, como as canções que cantou e o Brasil que representou: "Como afluentes humanos, que desaguavam pelas transversais de Botafogo, gente de todas as idades, cores e categorias sociais continuava engrossando o cortejo - ao todo, seriam centenas de milhares -, cantando os sambas e marchinhas. Nos braços do povo, Carmen Miranda vivia o seu maior carnaval."

É preciso ler Carmen e ler os demais livros da obra de Ruy Castro em sincronia. Começar a cotejar - onde isso é seriamente realizado - os personagens da cultura brasileira com a história do século XX que os enformou, para melhor desvelar esse processo de formação nacional que aparece com tanta força, e à farta, em nossa melhor arte literária, aqui compreendidos os diversos gêneros em que formalmente se subdivide.

Os mitos não são inocentes. Nós também não. Mas podemos ser mais generosos e inclusivos, sem que isso signifique demérito para nossos diplomas.